

AXÉ PRO QUE DER E VIER: MÃE VALÉRIA E RESISTÊNCIA RELIGIOSA

ÉDEN DOS SANTOS BARBOSA

Graduando em Pedagogia-UFC e bolsista do Programa de Educação Tutorial.

E-mail: barbosa.eden@gmail.com

MADELYNE DOS SANTOS BARBOSA

Graduanda em Pedagogia-UFC e bolsista do Programa de Educação Tutorial.

E-mail: madedossantos@hotmail.com

Considerações Iniciais

O presente trabalho propõe um estudo sobre a religiosidade Afro Brasileira na cidade de Fortaleza e sobre como o direito universal da liberdade de opção religiosa é visto por seus adeptos, no caso, através das reflexões da Ialorixá¹ Mãe Valéria de Logunedé² e seu terreiro de candomblé de nação Ketu,³ *Ilê Axé Omo Tifé* situado no bairro do Jangurussú em Messejana. O terreiro existe, e resiste, num meio totalmente urbano há 40 anos sob a liderança da Mãe Valéria.

O preconceito racial que circunda as religiões de matriz africana no Brasil, e principalmente no Ceará como no caso específico *Ilê Axé Omó Tifé*, é resultado de uma sociedade que educou-se fortemente sobre os dogmas e conceitos de uma religiosidade cristã, na forma católica, predominantemente. Os relatos de Mãe Valéria justificam fortemente essa ideia e seus desdobramentos através de vários casos de intolerância religiosa, preconceito racial e até mesmo abuso de poder público, tanto na sua vida pessoal como nos ritos do terreiro ao longo do tempo que este existe.

¹ Ialorixá ou Mãe de Santo é o maior grau da hierarquia religiosa das religiões afro brasileiras.

² Orixá cujo mito é ser uma criança, filho de Oxum (deidade das águas doces) e Oxóssi (Deus da caça e da fartura alimentar)

³ Segundo Roger Bastide (1971) o candomblé no Brasil se divide em ramos, linhas definidas como nações.

De acordo com BASTIDE (1971) o candomblé é uma religião brasileira que tem influência africana, fruto do reagrupamento de várias etnias e cultos africanos reorganizadas no Brasil no século XVI e XVII. De um modo geral é uma religião monoteísta pois tem na sua cosmogonia o deus supremo (chamado de Olorum) e seus filhos, representantes do céu (Orun) na terra (Ayê) chamados de Orixás.

Portanto o que será discutido nesse artigo é justamente como uma religião de povos de matriz africana, formadores da nação brasileira e portanto, ancestrais e colaboradores de nossa cultura e história, vêm enfrentando tantos preconceitos e agressões principalmente nos meios urbanos nas capitais brasileiras.

Em razão dessa escolha, lançamos olhares sobre a história de uma casa de Candomblé e parte de seu contexto vivido há quarenta anos, fazendo um paralelo com a atual realidade do templo religioso sob a ótica de sua líder religiosa, suas memórias e vivências.

Levaremos outras questões em consideração como: o crescimento da comunidade no entorno do templo religioso, as modificações da urbe e as implicações desta urbanização para a comunidade, as relações do terreiro com a vizinhança, casos de preconceito racial, história de vida da mãe de santo e perfil cultural e educacional dos membros da casa.

Em função de tudo isso, especialmente no tocante a preservação da memória do povo de santo,⁴ este artigo destina-se para além dos diálogos inter-religiosos, propondo também colaborar no registro textual, fotográfico e audiovisual de uma cultura que tradicionalmente vem repassando seus saberes de forma oral. Portanto, tais escritos têm a função de perpassar um pouco de uma tradição religiosa fundante do povo brasileiro, lançando indagações de pertencimento desta que fundou e que hoje representa tão bem o legado cultural deste país chamado Brasil.

⁴ Povo de Santo é uma denominação popular dos adeptos do candomblé entre seus membros.

Fazendo uso da pesquisa qualitativa, foram feitas duas entrevistas narrativas nos dias 26 de maio e no dia 19 de Junho de 2014. Inicialmente lançamos uma pergunta disparadora: *Como mãe Valéria entrou no Candomblé e como o Candomblé entrou na sua vida?* Deste modo como forma de diferenciar das demais citações os relatos da narradora neste artigo estarão em itálico.

A *Ialorixá* Valéria nos respondeu prontamente, narrando trechos de sua história de vida e de como deu-se o contato inicial com o candomblé, tudo registrado por um gravador de áudio que facilitou, e muito, as transcrições de seus relatos.

Metodologicamente, organizamos o texto num formato de tríade, composta pelos trechos desfragmentados contados pela *Ialorixá*, dialogando com teóricos que tratam a questão da intolerância e do preconceito religioso, para que em seguida lancemos nossas considerações e olhares acerca do estudo de caso, assim como relacionar as vivências e relatos da mãe de santo com outros autores da área da educação.

Afim de organizarmos a discussão deste artigo, falaremos sobre a história de iniciação de Mãe Valéria, a criação da casa de Candomblé *Ilê Axé Omó Tifé* e as dificuldades que acompanharam a trajetória da *Ialorixá* até os dias presentes. Em seguida, apresentaremos o Candomblé enquanto religião e problematizaremos o tipo de preconceito do qual são alvo frequente. Por fim, discutiremos sobre as iniciativas desenvolvidas por esse templo de Candomblé como enfrentamento do preconceito e da discriminação da religião, bem como ações afirmativas e de resistência cultural dentro do bairro e da comunidade religiosa de Fortaleza.

Mulher branca de formação religiosa católica, fundadora de casa de santo

Na narrativa da *Ialorixá* Valéria de *Logun Edé* julgamos de importância fundamental destacar a formação cultural e educacional que recebera: filha de pais católicos, educada num internato de

escola católica e de etnia branca. Estas características já diferem do estereótipo do imaginário coletivo de uma mãe de santo, e de fato, a maior parte das *Ialorixás* no Brasil são Negras. Curioso é que nos seus relatos iniciais ela já demonstra seu desafeto aos maus tratos que os negros recebiam da igreja católica em épocas remotas de nossa história, mostrando sua sensibilidade e empatia ao próximo mas, sobretudo alheio:

Senti muita revolta pelo que foi feito pela religião católica de achar que os negros eram piores que os animais. Aquilo me dava muita revolta [...] Eu tive uma liberação de aceitar bem o negro como pessoa, como humano mesmo. Apesar de eu ter sido interna em colégio de freira e lá no colégio eles não aceitavam as pessoas de cor, tanto que quando eu fui casar eu fiz questão de casar na igreja dos negros, na praça dos leões aquela igreja, talvez tenha sido todas essas coisas que tenham me levado à aceitação do Candomblé, a religião do negro, porque hoje em dia é muito divulgado o negro na sociedade, todo mundo fala, mas quando chega na religião, acabou... pouca gente aceita. LOGUNEDÉ, 2014

E para além disso nos traz as mudanças latentes da religião em si, como nos fundamenta PRANDI (2004):

Uma das mais profundas mudanças observadas no candomblé nas últimas décadas do século XX foi sua universalização, quando passou de religião étnica a religião de todos, com a incorporação, entre seus seguidores, de novos adeptos de classe média e de origem não africana. (PRANDI, p. 234).

E o chamado veio no Encanto pela religião dos negros: desafios e dificuldades

Em 1970 praticamente não existia Candomblé aqui... tenho isto em alguns registros. Sempre achava bonito, pois eu lia Jorge Amado e tinha aquela quedinha por aquela cultura, muita simpatia pelos negros e suas culturas. LOGUNEDÉ, 2014.

Na década de 70 o Brasil apresentava um panorama cultural bem diversificado e rico. Artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Vinícius de Moraes e Tom Jobim apresentavam obras musicais que relatavam ícones afros, mitos dos orixás e ritmos que reverberavam os tambores afros dos terreiros da Bahia. Em outras áreas esta cultura afro encontrou forte fonte inspiradora como os livros de Jorge Amado, as gravuras de Carybé e as incursões no desenho e pintura de Cecília Meireles, de cunho afro folclorista. O Candomblé, como cultura religiosa, encontra forte apoio nestes e em outros artistas ao mesmo tempo que o Brasil vai se redescobrimdo e procurando uma religião brasileira, nativa em sua essência, mas lutando com uma resistência herdada dos tempos de engenho, uma resistência cultural e étnica a tudo aquilo que é essencialmente de referência negra.

Relativo a geografia e espaço na urbe os primeiros terreiros na Bahia e no Rio de Janeiro que foram formados situavam-se em regiões bem afastadas da zona urbana, em grandes terrenos e sobre forte fiscalização das autoridades que emitiam alvarás de funcionamento das “ordens religiosas de negros” como eram agrupadas na época, uma estratégia encontrada por várias líderes religiosas afim de professar seu culto africano sobre a fachada de uma ordem católica. Tal característica não se alterou com o tempo e é muito incomum encontrar, ainda nos dias de hoje, terreiros de candomblé na zona urbana como o *Ilê Axé Omo Tifé*.

Apareceu esse terreninho, eu comprei. Aqui era uma casinha de taipa na frente, surgiram outras coisas para mim, bem melhores, mas eu não queria. Eu dizia: eu vou lá só pra guardar o santo, essa história todinha. Minha mãe-de-santo foi embora, foi pra Bahia e perguntou se eu queria que levasse o santo, aí eu disse que queria ficar com o que é meu, e foi assim (...) O Nilton de Logun Edé, meu pai de santo atual de Logun Edé, e eu de Logun Edé, e foi assim que eu fiz. Não tinha conhecimento. (...) Para mim foi muito difícil, que na época eu também não tinha esse interesse, eu não almejava ser mãe de

santo nem nada e branca eles não aceitavam, por ser branca, eles não ensinavam nem nada, mas aí eu comecei realmente a aprender com pai Nilton, que já tinha outro pensamento, ele era um pardo, não era negro. (LOGUNEDÉ, 2014.)

Nos trechos transcritos acima observa-se a dificuldade enfrentada por Valéria em receber os ensinamentos doutrinários da religião, principalmente por ser branca. Este dado, muito relevante pra nós, aponta que o Candomblé como religião brasileira de influência africana, com ensinamentos transmitidos por tradição oral, manifesta essa resistência a alguém de “outra cor”, uma resistência imposta aos conhecimentos iniciáticos necessários para a evolução do adepto nesta fé. Uma resistência étnico-cultural que, conforme relatos da lalorixá, foi sendo superada e aprendida por outros membros com maior grau e importância na religião, mas não tão negros, no caso o seu orientador espiritual seguinte o Pai Nilton de Logunedé, que era negro mas com pele mais clara o que é denominado em antigos censos como “pardo”. Este Pai de Santo foi que, segundo seu relato, a ensinou os primeiros passos para uma valorosa história como Mãe de Santo e líder religiosa.

Relatos sobre perseguição política, religiosa e policial

Aqui em casa, a gente tocava o berimbau, a polícia vinha, tocava o tambor, vinha, tocava qualquer coisa, até um paó, que são palmas, incomodava [...] chamaram a polícia, mas só que a polícia que vinha já era também evangélicos. LOGUNEDÉ, 2014.

Em consonância com PRANDI (2004), a perseguição ao culto se encontram enraizadas em nossa história:

Até recentemente, essas religiões eram proibidas e, por isso, duramente perseguidas por órgãos oficiais. Continuam a sofrer agressões e, hoje menos da polícia e mais de seus rivais pentecostais, e seguem sob forte preconceito, o

mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião. Por tudo isso, é muito comum, mesmo atualmente, quando a liberdade de escolha religiosa já faz parte da vida brasileira, muitos seguidores das religiões afro-brasileiras ainda se declararem católicos, embora sempre haja uma boa parte que declara seguir a religião afro-brasileira que de fato professa. Isso faz com que as religiões afro-brasileiras apareçam subestimadas nos censos oficiais do Brasil, em que o quesito religião só pode ser pesquisado de modo superficial. (PRANDI, 2004, p. 225)

Mesmo frente a tantos empecilhos, o desejo de se aprofundar na religião era pungente, até que Mãe Valéria compra um terreno no conjunto Tamandaré, localidade do Jangurussú, situado na zona urbana de Fortaleza e assim, abre sua casa de santo.

Como ela mesma relata, não havia vizinhança nas mediações do seu terreiro quarenta anos atrás, basicamente o lote inicial era cercado por mato e plantas nativas (mangueiras, sapoti, bananeiras). Entretanto, com o crescimento exacerbado dos centros urbanos, não demorou muito até os primeiros vizinhos do *Ilê Axé Omô Tifé* começassem a surgir. E junto com a vizinhança vieram também os primeiros incômodos destes para com a antiga moradora, principalmente relativos a ordem sonora, ou especificamente, aos batiques dos tambores dos ritos do templo.

Tal conflito é recorrentemente clássico na história das religiões negras no Brasil. Na bibliografia consultada constatamos que todo templo afro sofre perseguição policial. Tais relatos são recorrentes também cotidianamente através dos jornais e mídias digitais. A seguir temos mais um trecho da narrativa que retrata bem essa questão dos incômodos e que o procedimento recorrido pelos membros do entorno da casa de santo é a força policial: *“Aqui em casa, por exemplo, teve dias que chegou na minha porta em um dia 6 viaturas. Começou porque era um terreno e venderam e fizeram umas gaiolinhas, era um condomínio”* LOGUNEDÉ, 2014.

Contextualizando historicamente Nina Rodrigues trata sobre o preconceito ao culto das religiões de matriz africanas:

Hoje, cessada a escravidão, passaram elas [as práticas religiosas de matriz africana] à prepotência e ao arbítrio da polícia não mais esclarecida do que os antigos senhores e aos reclamos da opinião pública que, pretendendo fazer de espírito forte e culto, revela a toda hora a mais supina ignorância do fenômeno sociológico. Não é menos para lamentar que a imprensa local revele entre nós, a mesma desorientação no modo de tratar o assunto, pregando e propagando a crença de que o sabre do soldado de polícia boçal e a estúpida violência de comissários policiais igualmente ignorantes hão de ter maior dose de virtude catequista, mais eficácia como instrumento de conversão religiosa do que teve o azorrague dos feitores. (RODRIGUES, 1977. p. 238-239)

O candomblé como identidade racial: cultura e resistência

“Agora a religião do Candomblé é muito e continua muito perseguida, porque se eles atingissem aqui, na realidade é a maior casa daqui, é casa mais rígida, mais tradicional, mais antiga, então eles fechando isso aqui, aí seria efeito dominó. Fecha essa, fecha a outra, depois outra e proíbe o nosso culto.”
LOGUNEDÉ, 2014.

Na narrativa seguinte, nos deflagramos com um momento tenso de diálogo entre a lalorixá e um Promotor de Justiça, sobre a possibilidade de uma inspeção policial a qual o templo religioso poderia ser submetido por denúncia anônima sobre poluição sonora:

Estavam enviando pessoas aqui, fiscais para violar o nosso sagrado, abrir os ibás,⁵ os axés,⁶ que são coisas plantadas no

⁵ Assentamento de Orixá. Recipiente onde guardam-se objetos consagrados durante os rituais de iniciação que simbolizam, individualmente, a ligação dos adeptos com o sagrado, a terra criando uma ponte para o céu.

⁶ Os axés são comidas votivas: cereais, frutas, flores, objetos que possuem ligação com os mitos e liturgia de cada orixá.

chão para ver o que que tinha, então, eu falei: ali é o sagrado, ninguém pode profanar, do jeito que a gente não pode entrar na sua maçonaria, ninguém pode entrar no nosso sagrado o pode, se fizer santo. LOGUNEDÉ, 2014.

Nestes relatos percebemos que existe uma forte perseguição política, legitimada até mesmo por forças oficiais do estado. Tais atitudes fortalecem uma inteligente e cada vez mais crescente rede de intolerância religiosa e cultural, que desfavorece não somente os cidadãos adeptos destas crenças como um todo, mas ameaça os locais de culto e referência afro-brasileira na urbe. Ameaçar um terceiro é proibir não apenas o espaço de culto, direito garantido por lei, mas é atacar o núcleo principal de uma crença que se baseia no seu espaço sagrado na urbe, como eram os quilombos ou tribos africanas, e ponto de referência religiosa e sagrada. O chão é consagrado e sendo assim, é um solo sagrado.

Como um meio de resistência cultural, em 2010 Mãe Valéria decide criar o Museu *Ilê Axé Omó Tifé*, com várias peças, estátuas e representações dos assentamentos dos orixás, fidedignamente aos que são consagrados na religião. Nas paredes são traduzidas para português as preces em Iorubá, os Arquétipos, os instrumentos enfim, no museu há uma gama de informações e saberes milenares ao acesso de quem quiser e tiver interesse em conhecer um pouco mais dos fundamentos e mitos do Candomblé.

Reconhecemos nesta ação do templo religioso uma atitude de enfrentamento à perseguição e a intolerância religiosa de uma forma muito válida e significativa, pois possibilita ao leigo, ao visitante e qualquer outra visita, o acesso ao desconhecido, ao comum que é explicitamente de orientação católica, branca e ocidental. Difusão cultural e religiosa como resistência à intolerância racial, isso define o museu *Ilê Axé Omó Tifé*.

Considerações Finais

Neste trabalho, buscamos inicialmente traçar um estudo sobre a religiosidade Afro Brasileira na cidade de Fortaleza refletindo sobre o direito universal à liberdade de opção religiosa, por meio das narrativas da Ialorixá Mãe Valéria de Logunedé.⁷ Para isso fizemos uso de entrevista qualitativa narrativa, onde a entrevistada foi convidada a contar sua história na religião. A partir dos seus relatos fomos dialogando com teóricos e assim construindo um texto que tratou a intolerância religiosa, partindo de um ponto específico: uma casa de santo e sua resistência religiosa no espaço urbano de Fortaleza.

Partindo do pressuposto da existência dos direitos universais dos seres humanos, e à liberdade de opção religiosa, ficamos perplexos ao notar que em meados do século XXI a intolerância religiosa ainda ser tão recorrente. Então fomos averiguar como o templo religioso se posiciona em relação a tal problemática.

O presente estudo aponta de forma inicial, através de dados, relatos e literatura sugerida, que a história de uma das culturas estruturantes da nação brasileira, a etnia negra e sua religiosidade, o Candomblé, continua em cena mas, agora mostra-se ativo na luta contra o preconceito religioso demonstrando para isso estratégias a nível cultural, social e político.

Acreditamos que templos religiosos como o Ilê Axé Omó Tifé sirvam de exemplo na preservação cultural e na difusão desta religião assim como de ações afirmativas da cultura negra e do enfrentamento a intolerância religiosa.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1971.

⁷ Ialorixá ou Mãe de Santo é o maior grau da hierarquia religiosa das religiões afro brasileiras.

BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo, Nacional, 1978. Nova edição: São Paulo, Companhia da Letras, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOGUNEDÉ, Mãe Valéria de. *Depoimento* [junho, 2014]. Entrevistadores: BARBOSA, Éden e SANTOS, Madelyne dos. Fortaleza. 2014.

MORAES, Roque. *Uma Tempestade de luz: A compreensão possibilitada pela análise textual discursiva* (2003).

PRANDI, Reginaldo. *O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso*. Revista Estudos Avançados USP 18 (52), 2004

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1977.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Salvador: Corrupio, 2002.